

Mulheres e globalização: vítimas, focos de resistência e novas visões de mundo*

*Rosemary Radford Ruether***

RESUMO

O tema deste artigo é “Mulher e Globalização”. Nele, a autora trata da relação das mulheres com a globalização sob dois aspectos: como as mulheres, especialmente as de baixa renda, são desproporcionalmente vítimas da globalização, e como as mulheres e grupos de mulheres estão entre os mais importantes focos de crítica e resistência à globalização. Também salienta algumas formas nas quais movimentos e visões de mundo do sagrado estão emergindo desta luta.

Palavras-chave: mulher, globalização, resistência e novas visões de mundo.

ABSTRACT

The theme for this essay is “Women and Globalization”. The author shows women’s relation to globalization both in the ways that women, especially poor women, are disproportionately victims of globalization, and also the way in which women, or women’s groups, are among the important sites of critique and resistance to globalization. She also wants to suggest some ways in which movements and worldviews of the Sacred are emerging from this struggle.

Keywords: woman, globalization, resistance and new worldviews.

Meu tema para este artigo é “Mulher e Globalização”. Gostaria de falar a respeito da relação das mulheres com a globalização sob dois aspectos: como as mulheres, especialmente as de baixa renda, são desproporcionalmente vítimas da globalização e como as mulheres e grupos de mulheres estão entre os mais importantes focos de crítica e resistência à globalização. Salientarei também a presença dos movimentos alternativos, sua forma de perceber o mundo e o transcendente, que estão emergindo desta luta.

Precisamos começar esta discussão definindo o significado do termo “globalização”. A meu ver, o que tem sido discutido hoje como “globalização” é simplesmente o último estágio do imperialismo colonial do Ocidente. É necessário perceber este padrão atual de apropriação de bens e concentração de poder no Ocidente, especialmente nas mãos das elites do Estados Unidos, no contexto de mais de 500 anos de colonialismo Ocidental.

O colonialismo ocidental pode ser dividido em três fases. A primeira, advinda do final do século XV até o começo do século XIX terminou com a independência da maioria das colônias das Américas. A segunda fase, de meados do século XIX até os anos 50 do século XX, viu a divisão da África entre as nações européias, bem como a maior parte da Ásia e do Oriente Médio. A Inglaterra emergiu como a grande nação imperialista do século, criando um império em que o sol nunca se põe. Mas o resultado da Segunda Guerra Mundial foi a destruição de nações como a francesa, holandesa e inglesa, exaustas pela devastação de suas nações, sem condições de ocupar os vastos territórios coloniais.

Logo, os anos 50 experimentaram um processo de descolonização política em que a bandeira da independência fora concedida a vários destes territórios na África, Ásia e Oriente Médio. Poucos colonizadores não abriram mão de suas colônias, como os portugueses na África, ou minorias brancas que tentaram bloquear às regras dos territórios africanos, como a Rodesia e África do Sul, em longas e sangrentas batalhas revolucionárias. Mas, o padrão geral que surgiu da descolonização dos anos 50 e 60 foi o neo-colonialismo e não o governo popular. A Inglaterra e

* A tradução integral do texto foi feita por Débora B. Agra Junker, doutora em Educação Cristã pelo Garrett-Evangelical Seminary – USA, professora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista na área de Teologia Prática.

** É doutora em Teologia, professora de Teologia Feminista na California Pacific School of Theology, autora de importantes obras de teologia feminista desde os anos 70, entre elas, *Sexismo e Religião*.

a França buscaram negociar com suas antigas colônias que concedia o controle sobre as políticas externas e riquezas econômicas aos seus colonizadores. As massas nestes países continuaram exploradas e empobrecidas.

Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como a maior potência militar e assumindo rapidamente um papel de articulador do sistema de controle neo-colonial do Ocidente. Os movimentos de libertação do Terceiro Mundo, buscando se livrar da hegemonia neo-colonial, freqüentemente tentaram adotar uma ideologia socialista aliada ao mundo socialista contra o domínio Ocidental. O Ocidente, liderado pelos Estados Unidos, fez do discurso anti-comunista sua ideologia para combater a política externa, a fim de prevenir que qualquer sistema político ou social surgisse nos países de Terceiro Mundo que, por sua vez, poderia distribuir riqueza e poder político à "massa" de forma mais justa. Ao fazer do comunismo um demônio totalitário e, fingindo ser o campeão da democracia, o Ocidente mascarou a verdadeira intenção desta cruzada, ou seja, manter o controle neo-colonial-ocidental do capitalismo e prevenir uma genuína democracia na qual economia e política pudessem ser controladas localmente.

Com o colapso da União Soviética e os Estados Unidos surgindo como líder mundial, com poderes econômicos e militares, a terceira fase colonialista construída durante a Guerra Fria, agora ganharia grande visibilidade. Isto fez com que o império Norte-americano tivesse domínio não apenas sobre os países de Terceiro Mundo, mas também procurasse dominar o Oriente Médio e dividir e marginalizar o Mercado Comum Europeu. A Inglaterra, sempre ambivalente em submeter-se como uma pequena nação entre a comunidade européia, procura agarrar-se "à barra da saia americana", mantendo assim, seu próprio alcance global. A meu ver, esta é a razão pela qual Tony Blair se mantém "desesperadamente" leal a todas as aventuras militares americanas espalhadas pelo mundo.

Para entender esta terceira fase do colonialismo, também conhecida como "globalização", é necessário olhar não apenas as expressões mili-

tares concentradas nas mãos das forças armadas norte-americanas, mas também as instituições econômicas construídas nos últimos cinquenta anos com o objetivo de controlar a riqueza do planeta. Esta tentativa de concentrar o poder econômico no Ocidente, particularmente nas elites norte-americanas, também demandam a marginalização da Organização das Nações Unidas (ONU). Para as elites dos EUA, a ONU precisa ser impedida de operar como um órgão global que dá voz igual aos países de Terceiro Mundo ou, até mesmo, qualquer outra nação além dos EUA. O sistema mundial construído para tomar o lugar nas Nações Unidas como extensão global da hegemonia norte-americana são as chamadas Instituições de Bretton Woods: Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e desde 1995, a Organização Mundial de Comércio.

O Banco Mundial e o FMI foram estabelecidos em 1944-47, com o intuito de reconstruir a Europa devastada pela guerra. Os dois foram fundados por contribuições de nações membros, sendo os EUA, que detinha 20% dos fundos, o maior doador. As nações do G-7, os EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Canadá e Japão, monopolizam juntas o fundo e suas decisões. Como a Europa rapidamente se levantou do pós-guerra, estas instituições financeiras começaram a emprestar dinheiro aos países chamados em "desenvolvimento" do Terceiro Mundo, deste modo, consolidaram controle nas economias destes países menos favorecidos economicamente. Nos anos 70, o exército americano continuou gastando. O crescimento de corporações multi-nacionais e o repentino reajuste nos preços do petróleo pela Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), fizeram com que fundos fossem criados em bancos internacionais. Sob a direção de Robert McNamara (1968-81), ex-secretário de defesa que criou projetos sangrentos como o campo de batalha eletrônico na guerra do Vietnã, a política do Banco Mundial se tornou fonte de empréstimos ao Terceiro Mundo.

McNamara apoiou grande parte de projetos de desenvolvimento como grandes barragens. Muitos desses ex-estados coloniais não possuíam capacidade econômica e política para usar de

maneira efetiva estes grandes empréstimos para o desenvolvimento nacional. Muitos países estavam sob liderança ditatorial, como Marcos nas Filipinas, que usufruiu destes fundos para projetos exuberantes ou transferindo-os para contas particulares. Muitos dos projetos não foram concluídos, seus lucros direcionados para as multi-nacionais, elites nacionais e não para a própria população local. Multidões de pessoas foram desapropriadas por projetos como estes, sem que fossem posteriormente devidamente assentadas. Quase nenhuma atenção foi dada à questão da devastação ambiental. As dívidas externas desses países começaram a causar uma dívida internacional. Em 1982, o México anunciou que não poderia pagar tal dívida. As instituições financeiras internacionais temeram posteriores renúncias de dívidas por países mais pobres.

Em resposta a esta crise internacional, o Banco Mundial criaria o programa de Ajuste Estrutural, que forçaria os países de Terceiro Mundo a pagar suas dívidas às custas do desenvolvimento interno. A fórmula do Ajuste Estrutural consistia na desvalorização da moeda local, um crescimento brusco nas taxas de juros dos empréstimos, a remoção das barreiras comerciais que protegiam as indústrias locais e a agricultura, a privatização do setor público, tais como transporte, energia, telefonia e eletricidade, e a desregulamentação de bens, serviços e força trabalhista, ou seja, a remoção de leis acerca do salário mínimo e subsídios do Estado que forneciam condições básicas de alimentação, educação e saúde para pessoas de baixa renda. Aceitar o pacote do Ajuste Estrutural era imprescindível para receber novos empréstimos para saldar as dívidas já adquiridas. Cada país foi instruído a concentrar as exportações em um ou dois produtos, como o café, para que se pudesse ganhar dinheiro na moeda internacional (dólares) e assim ser capaz de pagar sua dívida, a despeito da diversidade da produção industrial e da agricultura para consumo local.

O Banco Mundial e o FMI culpavam os governos dos países de Terceiro Mundo pela falta de estratégia em pagar as dívidas. Eles alegaram que os governos locais agiam de maneira ineficiente,

gastando dinheiro no subsídio de serviços locais. Os programas de Ajuste Estrutural foram taxados como medidas de "austeridade" que causariam uma "dor" temporária (a quem?), mas que levaria em pouco tempo ao ajuste e prosperidade econômica. A realidade se apresentou de maneira bem diferente desta previsão. Ao centralizar em uma produção de apenas alguns produtos de exportação, como por exemplo o café, o mercado internacional ficou saturado, o preço do produto caiu e mesmo que determinado país estivesse produzindo e exportando em maior quantidade, recebia menos pela exportação deste produto.

Ao mesmo tempo em que a média de salário local diminuiu, os preços subiram com a desvalorização da moeda que, em questão de dias, passaria a valer um décimo do que valia anteriormente. Os subsídios governamentais em relação à comida, saúde, educação e transporte também diminuíram ou foram eliminados, o que mostra que atender às necessidades básicas passou a ser muito mais caro, principalmente para as classes menos favorecidas economicamente. Por exemplo, na Nicarágua pós-Sandinista as clínicas médicas gratuitas e centros de educação popular para adultos foram fechados. Os hospitais locais não mais possuíam fundos para fornecer medicamentos gratuitamente e nem mesmo recuperar equipamentos médicos danificados. Os que usufruíam destes serviços, agora se dirigiam a farmácias para adquirir seus próprios medicamentos. As escolas foram privatizadas e se tornaram muito caras, e até mesmo as escolas públicas aumentaram as mensalidades, de modo que a crescente maioria pobre não poderia arcar com estes custos. O ganho de alfabetização e do sistema de saúde gratuitos durante o regime revolucionário rapidamente se perdeu. O resultado foi o crescimento da pobreza, desnutrição, desemprego, falta de moradia, especialmente de crianças, criminalidade e a volta às drogas por dinheiro.

Aumentando as taxas de juros dos empréstimos para saldar a dívida de acordo com a política de Ajuste Estrutural, criou-se uma dívida em níveis cada vez maiores, enquanto que os países pobres se tornavam cada vez mais endi-

vidados e incapazes de saldar seus débitos. Os países pobres podiam pagar apenas de 30 a 40% dos juros dos empréstimos. O restante deste valor era adicionado ao resto da dívida, portanto, mesmo que um país se esforçasse para pagar a dívida, esta crescia a cada ano. Dessa forma, o Ajuste Estrutural teve o efeito de criar uma fonte de extração de riqueza dos países pobres para os países ricos, ou melhor dizendo, aos bancos internacionais. Por exemplo, em 1988 os países pobres pagaram \$50 bilhões de dólares a mais do que pegaram emprestado destes bancos.

O Ajuste Estrutural também causou outros efeitos. Ao derrubar as barreiras de comércio, a produção local se devastou. Os países foram inundados com produtos baratos de corporações multinacionais, levando as indústrias e agricultores locais a fecharem suas portas. Na Nicarágua, os agricultores de amendoim e os produtores de manteiga de amendoim não conseguiram competir com a manteiga de amendoim americana Skippy e tiveram que parar de produzi-los. Na Coreia, os produtores de arroz também faliram e perderam suas terras por conta das importações baratas de arroz dos EUA. Tudo isto foi defendido simplesmente com leis “**protecionistas**” de mercado, até que percebemos que as grandes multinacionais operavam com subsídios e anulação de taxas do governo, enquanto que aos países do Terceiro Mundo não era permitido proteger suas indústrias e agricultura. O arroz americano é mais barato não porque os agricultores daquele país são mais eficientes, mas porque eles e as distribuidoras multinacionais de arroz são subsidiadas pelo governo americano.

Por que os governos do Terceiro Mundo aceitaram estas condições que devastaram suas economias? Basicamente por três razões. Apesar da maioria das pessoas estarem sofrendo, as elites ricas, que também controlam os governos, favorecidas pelos EUA, estavam prosperando. Os economistas nestes governos foram treinados nas mesmas escolas de economia daqueles que pertenciam ao Banco Mundial e aceitavam estas teorias de comércio neo-liberalista como um dogma inquestionável. Finalmente, qualquer governo que resistisse ao Ajuste Estrutural se

tornaria um pária isolado e teria seus pedidos de empréstimo negados. Esta foi a estratégia em relação a Nicarágua, que derrubou o governo Sandinista e que tem sido aplicado por mais de quarenta anos contra Cuba. Estas restrições foram suficientes para alinhar a maioria dos governos do Terceiro Mundo.

Este sistema de controle global exercido pelas instituições e corporações financeiras tem sido amplamente expandido desde 1995 pela Organização Mundial de Comércio. A OMC dita as regras que não apenas previne qualquer barreira comercial que protegem as indústrias locais, como também forçam novas regras que aumentam a habilidade de tais corporações explorarem a riqueza local, assim como fazem o **TRIM (trade-related investment measure)** e **TRIP (trade-related intellectual property laws)**. Estas novas regras de mercado proíbem governos locais de proteger suas próprias instituições financeiras contra o domínio de corporações estrangeiras e permitem que elas patenteiem as propriedades genéticas de sementes, plantas, ou até mesmo DNA humano, proibindo fazendeiros locais de produzir suas próprias sementes e plantas que têm sido parte da agricultura local por milhares de anos. Corporações estão também comprando poços (“**watersheds**” e “**aquifers**”), forçando pessoas locais a pagarem pela água que era previamente usada gratuitamente dos seus próprios poços e nascentes.

Isto significa que os governos dos países de Terceiro Mundo perderam a soberania nacional, seus direitos, sua habilidade de criar e aprovar leis para proteger as indústrias nacionais ou para moldar seu próprio desenvolvimento e as políticas externas. Por meio das instituições financeiras internacionais, corporações globais, representando o interesse das elites ricas em nações dominantes, governam o mundo. A lacuna entre ricos e pobres tem crescido fortemente, com aproximadamente 85% da riqueza do mundo nas mãos de 20% da população mundial, e a maioria daquela concentrada em 1% destas pessoas, enquanto os restantes 80% partilham os 15% remanescentes, sendo que os 20% mais pobres, mais de um bilhão de pessoas, vivem em miséria e fome profundas.

Como é que as mulheres são vítimas desproporcionais deste sistema de empobrecimento global da maioria das pessoas? Em primeiro lugar, quando a agricultura local é devastada, este setor tradicionalmente liderado por mulheres é particularmente devastado. Na África, a maior parte da agricultura local é praticada pelas mulheres, mas a promoção internacional da agricultura vai inteiramente para os agricultores masculinos detentores de grande extensão de terras e que podem utilizar sementes, pesticidas, fertilizantes a base de petróleo e maquinaria advinda do agonegocio internacional. Assim como a ecofeminista indiana, Vandana Shiva nos mostra, na Índia as mulheres tradicionalmente integraram a relação entre animais e plantas, alimentando os animais com as sobras de vegetais da colheita, usando esterco como fertilizante e combustível. Este setor da agricultura está devastado pela agricultura mecanizada promovida pela Revolução Verde, resultando no empobrecimento das mulheres e suas famílias, assim como na poluição do solo e da água criados pelos fertilizantes, pesticidas à base de petróleo. O empobrecimento das mulheres e a poluição da terra caminham de mãos dadas.

Não obstante, com a devastação dos meios de sobrevivência tradicionais, é tipicamente a mulher que junta os pedaços com trabalho redobrado. Se a água é poluída e escassa, as mulheres andam duas vezes mais para carregá-la nos baldes sobre suas cabeças. Se o valor dos salários dos maridos cai repentinamente, as mulheres plantam jardins para produzirem comida que possa sustentar a vida diária. Mulheres saem para trabalhar para limpar as casas dos ricos. Elas produzem comida em suas cozinhas, ou elaboram cestas e confeccionam artesanato e os vendem nas ruas. Se há desnutrição na comunidade, mulheres criam cozinhas comunitárias para que os mais pobres possam se alimentar e fazer o mesmo com seus filhos. Se os postos de saúde se fecham, as mulheres recuperam a tradição medicinal com ervas, plantando-as em seus jardins ou colhendo-as nas florestas, a fim de curar suas famílias. São elas que cuidam dos enfermos e dos que estão a mercê da morte. Se não há comida ou equipe de enfermeiros para os pacientes

nos hospitais, são elas que se dispõem a alimentar e limpar os enfermos. Em suma, é o trabalho redobrado das mulheres que adia o desastre aos mais pobres.

Além do mais, em famílias pobres as mulheres são geralmente mais pobres que os homens. Se existe algum dinheiro para um carro, um rádio, um relógio ou até mesmo para comprar roupas, são os homens que se apropriam deste dinheiro, enquanto as mulheres abrem mão e ainda provêem os meios de subsistência diária para as crianças ou mesmo para os homens adultos, que pouco as ajudam. Ao mesmo tempo em que há jornada dupla de trabalho para a sobrevivência diária, as mulheres geralmente sofrem de raiva e perda de status de seus homens desempregados. São elas que sofrem a violência dos maridos, que são violentadas em casa ou nas ruas, e que vão à luta para sustentar suas crianças. Mulheres tipicamente abrem mão de comida, roupas e conforto para si mesmas, a fim de prover seus filhos e filhas. Elas se colocam por último, por isso as mulheres e suas filhas se tornam mal nutridas, enquanto homens e meninos em fase de crescimento têm o privilégio da melhor comida disponível.

No entanto, a dupla jornada das mulheres, que tem como finalidade suprir as necessidades de sobrevivência para elas e suas crianças, também as impele a fundar grupos femininos que se tornam lugares de resistência à devastação criada pela globalização. Mulheres formam cooperativas de tear e artesanato, que expandem seus trabalhos como conexões de mercado alternativo. Como mencionado acima, mulheres criam cozinhas comunitárias, para afastar a fome das mulheres e crianças menos favorecidas. Na Nicarágua "Panela de Soja" era algo comum aos bairros mais pobres. As mulheres pegavam carne de soja das ONGs internacionais e misturavam com verduras e frutas locais para alimentar os mais ameaçados pela desnutrição, em geral, as crianças e as gestantes. Mulheres criaram clínicas de saúde com medicina natural, algumas até doaram medicamento para compensar o colapso ou falta de acessibilidade das clínicas médicas sustentadas pelo Estado.

Na parte rural da Nicarágua, mulheres organizaram cooperativas de produção de galinha. Um

grupo de mulheres recebeu alguns pintinhos, com a promessa de que conforme estes filhotes fossem crescendo e se reproduzindo, elas doariam a mesma porção recebida no início para um outro grupo de mulheres e assim por diante. As famílias tinham o benefício de ter alguns ovos e às vezes ter um pouco de frango em suas panelas. No Paquistão e em outros lugares, as mulheres têm sido as usuárias mais assíduas de micro-empréstimos para iniciarem um pequeno negócio local, com a promessa de que tudo será pago de volta com juros bem baixos. Este pagamento é usado para incentivar mulheres a trabalharem como micro-empresárias. Mulheres se tornam experts no desenvolvimento de pequenos negócios em todas as áreas.

As ONGs internacionais têm um papel vital nestes movimentos. Elas representam uma qualidade diferente de relacionamento global daquele praticado pela globalização das corporações e instituições financeiras dominantes. Em geral, são tipicamente pequenas, com fundos modestos, gerenciadas por pessoas que são inspiradas por indignação em relação ao sistema dominante e têm a preocupação de ajudar os menos favorecidos. Elas vivem de maneira simples e trabalham diretamente com pessoas da comunidade local. Elas provêem conexões e provisões vitais, como as de grãos de soja para a "Panela de Soja", o fundo inicial para pequenos negócios bancários, a conexão com o mercado de artesanato, o computador ocasional que permite o grupo local comunicar suas dificuldades com a rede global de ONGs que se preocupam com estas questões.

Por exemplo, em uma conferência recente do Norte da Califórnia, "Call to Action" (Chamada para Ação), encontrei uma amiga americana descendente de japoneses, que há muito tempo estava envolvida com o mercado artesanal das mulheres da Guatemala. Conferências como esta, são lugares onde norte-americanos conscientes e comprometidos com questões sociais costumam se encontrar, levando o lucro das vendas diretamente às pessoas das comunidades que os produziram. Minha amiga me deu uma bolsa da Guatemala com uma etiqueta que divulgava as

mulheres que a produziram. Este grupo se chama UPAVIM, Unidas Para Viver Melhor. A etiqueta descrevia o grupo da seguinte maneira: "Este produto foi feito por mulheres que moram na periferia da Cidade de Guatemala em uma área empobrecida chamada Esperança". Esta comunidade é por acaso uma comunidade que eu visitei muitas vezes. Ela surgiu com refugiados expulsos de suas vilas pelo militarismo da Guatemala, pessoas assentadas em lugares que, originalmente, era um depósito de lixo fora da cidade. A etiqueta continua a descrição do grupo,

Ao trabalharem juntas estas mulheres desenvolveram um posto de saúde comunitário, uma clínica odontológica, programas de bolsa e tutoria, um monitoramento de crescimento infantil, um programa de amamentação, uma creche com professoras treinadas segundo as escolas Montessorianas, e um ante-projeto que gera renda para mulheres para alguns programas. Além disso, elas também mantêm um espírito de esperança que muitos, em circunstâncias similares, perderam há muito tempo. Ao comprar este produto você estará ajudando a comunidade toda.

Alguns podem achar este espetáculo do esforço feminino ambivalente. Efetivamente, este esforço afasta a devastação total de suas famílias e comunidades e permite que o mal do sistema dominante que as empobrece não pareça tão ruim como é. Graças às mulheres, muitas das pessoas mais empobrecidas não morrem e conseguem sobreviver em situações desesperançosas. Contudo, estas mulheres não são apenas as pontes que cobrem os buracos da pobreza desesperada por meio de seus trabalhos, mas elas também ganharam uma educação política ao se organizarem. Elas estão começando a enxergar as instituições que as empobreceram, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio. Elas estão começando a fazer conexões com outras instituições, que não apenas as ajudam a sobreviver, como também as colocam em contato com uma comunidade global que está gerando uma visão alternativa de desenvolvimento.

Com a ajuda destas alianças, as líderes dos movimentos locais feministas aparecem em con-

ferências mundiais, como a reunião das ONGs na conferência da mulheres em Beijing, em 1995, na China. Lá participaram as líderes destes movimentos alternativos de todos os países, em workshops com outras mulheres de interesses similares. Mulheres de todos os países interessadas em micro planos bancários se juntaram para compartilhar idéias e informação. Do mesmo modo, mulheres interessadas em clínicas médicas, direitos reprodutivos, cooperativas de agricultura, educação popular, teatro alternativo e muitos outros projetos, trocaram experiências umas com as outras. As ONGs, na conferência em Beijing, foram literalmente um festival de trabalho das organizações alternativas femininas. As mulheres voltaram para seus próprios países e comunidades locais não apenas com idéias e informações novas, mas também com um arsenal de contratos do mundo inteiro, de onde elas poderiam usufruir suporte contínuo. Quando seus próprios governos, em parcerias com grandes instituições e corporações financeiras tentassem minimizar suas ações, elas poderiam forçar estas instituições opressoras a recuarem.

As organizações alternativas femininas que lutam pela sobrevivência, se tornaram peças importantes nos movimentos de resistência contra as instituições de Breton Woods, passando a ser exemplo de visão alternativa de formas mais justas, democráticas e ecologicamente sustentáveis de desenvolvimento. Estes movimentos de resistência e sua maneira alternativa de desenvolvimento encontraram espaço no Fórum Internacional de Globalização e seus parlamentos no Fórum Social Mundial, que aconteceu nos últimos anos em Porto Alegre, Brasil. Lá grupos de mulheres se associaram a outros movimentos de resistência, movimentos indígenas, movimentos de trabalhadoras, de estudantes, MST, e seria desnecessário dizer que muitos destes grupos também são, em sua grande maioria, dependentes dos esforços organizacionais de mulheres. Uma das grandes líderes, a eco-feminista indiana, Vandana Shiva, e economistas como Walden Bello e David Korten, têm elaborado uma crítica consistente da ordem econômica dominante, bem como visualizado uma forma alternativa de

desenvolvimento. Eles têm encontrado uma força política na figura do presidente do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva, e o slogan deles tem sido "um outro mundo é possível".

Esta visão de uma forma alternativa de desenvolvimento demanda uma mudança radical das corporações dirigidas pela globalização. Em lugar do controle da riqueza ser feito cada vez mais por uma pequena elite em distantes centros de poder, é necessário uma re-distribuição de poder e controle sobre as decisões em nível local. Em lugar de diminuir o poder dos governos locais, é necessário aumentar o poder do governo local que, sendo eleito mais democraticamente, possa atender aos interesses locais. Em lugar de tirar a proteção da agricultura e indústria locais, é necessário que o governo proteja a economia nacional do interesse das grandes corporações.

Além disso, também existem movimentos para recuperar métodos tradicionais de agricultura, que reconstituem o solo, prevenindo a erosão e a poluição do ar e da água, inclusive educando agricultores no uso destes métodos. Existe resistência organizada contra as regras de comércio que procuram privar agricultores locais do conhecimento tradicional, e um consistente contramovimento que exige o fechamento da Breton Woods, em favor do corpo internacional construído por uma ONG que representa esta visão alternativa. Em resumo, um movimento para um mundo alternativo para desbancar a globalização está emergindo com grande dor, mas também com renovada esperança.

O que a religião tem a ver com estes movimentos em favor das mulheres e formas alternativas para a globalização? Existem muitas conexões. Organizações religiosas são as maiores responsáveis pelos movimentos alternativos. Particularmente, a fé religiosa inspirou recentes movimentos de libertação, teologias feministas e espiritualidades que são motivações importantes para pessoas comprometidas com estes projetos. Este envolvimento de comunidades religiosas pela justiça social e a luta ecológica tem se tornado cada vez mais caracterizado por diferentes expressões de fé. O movimento organizado por budistas na Tailândia, por exemplo, patro-

cinou a conferência mundial em Bangkok em 2003, com o tema: “alternativas para o consumismo”. Esta conferência atraiu líderes de movimentos anti-globalização de toda a Ásia, Europa e Estados Unidos. Hindus, cristãos, judeus e pessoas de religiões indígenas compartilharam suas motivações espirituais neste envolvimento, com a perspectiva budista fornecendo a tônica da espiritualidade da conferência.

O que é possível perceber em tais conferências mundiais é a convergência na direção de uma perspectiva comum de uma espiritualidade ecológica, quer seja a do budismo engajado de Sulak Shivaraska, o Shakti – poder feminino do universo – na tradição hindú de Vandana Shiva, a perspectiva da trindade cristã da ecofeminista latino-americana Ivone Gebara ou o santuário do círculo em Monte Horeb, Wisconsin, de Selene Fox, que define sua visão como pagã.

Não existe uma única fonte para esta ‘comunalidade’ emergente. Antes, suas raízes encontram-se nos processos pelos quais algumas de nós, que somos críticas do sistema global dominante, estamos respondendo a desafios semelhantes e temos chegado a semelhantes alternativas para o mundo no contexto do século XXI, em que o mesmo tem sido tratado com violência militar, exploração econômica e colapso ecológico.

Também existe um reconhecimento compartilhado por muitas tradições religiosas e culturais que um conceito hierárquico masculino do divino e do universo tem funcionado através dos milênios como um reforço principal desses padrões de dominação social.

Este reconhecimento está criando um conceito do divino, da humanidade e da terra em relação ao divino que, se não precisamente semelhante, tem muito de comunal. Pode-se talvez falar de um território comum ecumênico e inter-religioso para espiritualidade e teologia ecofeminista.

Esta teologia ecofeminista ou visão de mundo compartilha algumas características. Existe uma rejeição na tentativa de separar o divino da terra, como entidade imortal personificada, localizada em algum reino celestial fora do universo e reinando sobre ele. O conceito de Deus é des-

construído. Pelo contrário, o divino é visto como matriz de energia que gera a vida que está *em, através e debaixo* de todas as coisas, sustentando e renovando a vida. Ou para usar a linguagem de Paulo no Livro de Atos, “aquele em quem nós vivemos, e movemos e está em nós”.

Isto não é panteísmo no sentido da redução da vida ao “que é”, para “o que é”, inclui as grandes superestruturas de poder dominante, o Pentágono, a Organização de Comércio Mundial, etc. Além do mais, nós precisamos pensar nessa matriz da vida como panteísta, ou transcendentemente imanente. Quer dizer, não só sustenta a renovação dos ciclos naturais de vida, mas também nos autoriza a lutar contra as hierarquias de domínio e criação de novas relações de mutualidade.

Essa energia divina para vida e renovação da vida não é masculina nem feminina, nem ainda antropomórfica em qualquer sentido literal, embora possa ser imaginada de muitas formas, desde que não reforcem estereótipos de gênero e relações de domínio, mas de forma que celebrem nossas diversidades de corpos e energias. Eu prefiro pensar isso como “Sabedoria Divina”, como a fonte de vida que emerge para criar e recriar novamente todas as coisas em uma comunidade “ecozóica”. O Divino nos chama para nos arrependermos do poder de dominação que viola e empobrece “o outro” e cultivar relações de crescimento mútuo. Esta é uma visão do Divino que nos chama para uma vida em comunidade de diferentes tradições, culturas e histórias. Também é uma visão que nos chama a estar lado a lado um dos outros e lutar contra o sistema econômico, contra a violência militar e ecológica e tudo que ameaça o tecido da vida planetária. Isto, como disse Thomas Berry, é o “grande trabalho” de nossa geração.